

CLEMENTE IVO JULIATTO

CARTAS A PROFESSORES

*e aos que ajudam os outros a
cultivar-se*



 PUCPRESS

Clemente Ivo Juliatto

CARTAS A PROFESSORES

*e aos que ajudam os outros a
cultivar-se*

 PUCPRESS

Curitiba
2020

©2020, Clemente Ivo Juliatto
2020, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Waldemiro Gremski

Vice-reitor

Vidal Martins

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Trevilatto

Editora PUCPRESS

Coordenação: Michele Marcos de Oliveira

Edição: Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte: Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto: Juliana Almeida

Colpani Ferezin

Revisão: Juliana Almeida Colpani Ferezin

Capa e projeto gráfico: Rafael Matta Carnasciali

Diagramação: Rafael Matta Carnasciali

Impressão: Reproset Indústria Gráfica

Conselho Editorial

Alex Villas Boas Oliveira Mariano

Aléxi Volaco

Carlos Alberto Engelhorn

Cesar Candiotto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amassis Amorim

Eduardo Damião da Silva

Evelyn de Almeida Orlando

Fabiano Borba Vianna

Katya Kozicki

Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Jr.

Luis Salvador Petrucci Gnoato

Marcia Carla Pereira Ribeiro

Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155

Prédio da Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

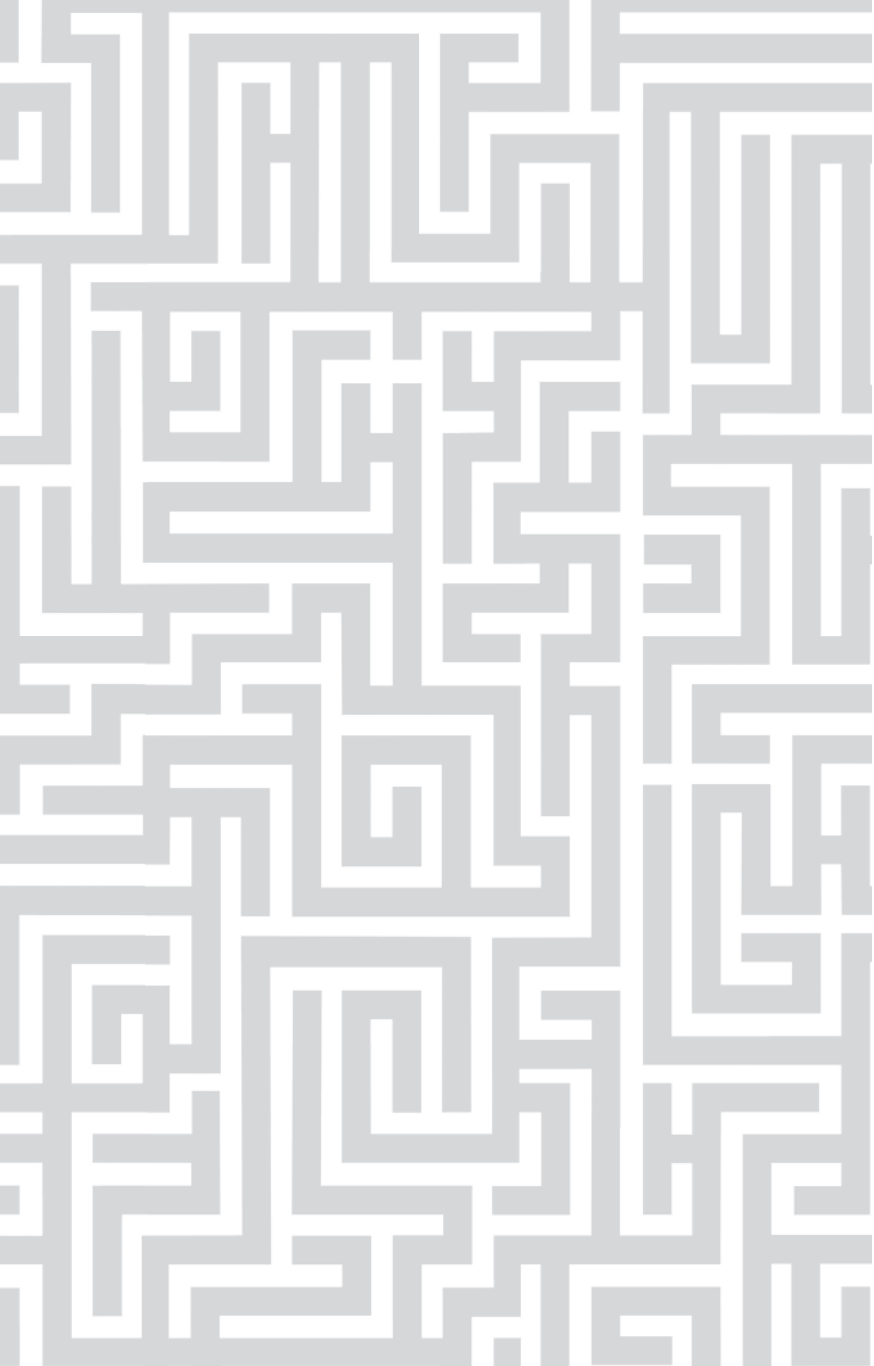
J94c
2020
Juliatto, Clemente Ivo
Cartas a professores e aos que ajudam os outros a cultivar-se / Clemente Ivo Juliatto. –
Curitiba : PUCPRESS, 2020.
256 p. ; 21 cm. (Coleção Sabedoria em Cartas, v.2)

Inclui bibliografias
ISBN 978-65-87802-17-6
978-65-87802-22-0 (E-book)

1. Professores – Formação. 2. Educadores. 3. Professores – Treinamento.
4. Prática de ensino. 5. Professores e alunos I. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me deu vida e saúde; aos que leram os originais desta obra; aos que deram alguma sugestão para a sua apresentação e melhoria; aos revisores, diagramadores e à Editora PUCPRESS que resolveu publicá-la.



SUMÁRIO

Agradecimentos | 3

Prefácio | 7

Introdução | 11

Carta 1 - O que é mesmo educar? | 15

Carta 2 - A boa educação | 25

Carta 3 - O bom professor | 33

Carta 4 - Ainda o professor | 41

Carta 5 - Além de professor, seja educador | 47

Carta 6 - Fale sempre a verdade | 57

Carta 7 - Uma verdadeira educação | 69

Carta 8 - Ensine também valores | 77

Carta 9 - A escola | 83

Carta 10 - A boa escola | 89

Carta 11 - Meu mestre | 95

Carta 12 - Uma viagem inacabada | 101

Carta 13 - Praticar uma religião? | 107

Carta 14	- A busca da felicidade	115
Carta 15	- Servir os alunos	121
Carta 16	- Seus alunos são gênios	127
Carta 17	- A missão do professor	131
Carta 18	- Prepare suas aulas	135
Carta 19	- Aproveite seu tempo	141
Carta 20	- Cultive a espiritualidade	147
Carta 21	- Prefira quem tem dificuldade	155
Carta 22	- Avalie seu desempenho	161
Carta 23	- O importante é aprender	167
Carta 24	- Use as tecnologias disponíveis	175
Carta 25	- Além de conhecimento, demonstre sabedoria	181
Carta 26	- Cultive-se sempre	191
Carta 27	- Ensine a estudar e a pensar	199
Carta 28	- Trate sempre bem a todos	207
Carta 29	- Pratique o que ensina	213
Carta 30	- Seja justo e bondoso	219
Qualidades do verdadeiro mestre		227
Oração do professor-educador		229
Obrigações do professor-educador		231
Direitos do professor-educador		233
Referências		235
Sobre o autor		255

PREFÁCIO

O convite para prefaciar a obra *Cartas a professores e aos que ajudam os outros a cultivar-se*, muito me honrou. Foi inevitável lembrar a minha caminhada junto com Clemente Ivo Juliatto. Ao longo de uma jornada de quarenta anos, com os Maristas, na Pontifícia Universidade Católica de Paraná, convivi com ele, quando ele aí atuou como professor e depois como reitor. Por muito tempo, aprendi a admirá-lo como pessoa e como profissional. Digo isto para mostrar a relevância e o significado destes escritos. As cartas aqui apresentadas tratam de reflexões bem fundamentadas, escritas ao longo de sua vida acadêmica.

O autor tem em sua história, estudos significativos que envolveram a realização de graduações, mestrados, doutorado e pós-doutorados em instituições nacionais e internacionais, renomadas e reconhecidas. Nelas, foi titulado com distinção e louvor. Esta caminhada de formação continuada desafiadora e crítica proporcionou-lhe uma ampliação em sua visão de

mundo, de sociedade e de educação. Em especial, na área de Administração Escolar, sua especialidade.

As lições de vida e de sabedoria que adquiriu permitiram a escrita destas cartas, compartilhadas com docentes, gestores e profissionais de educação. Cabe ressaltar que alguns destes escritos serviram de subsídio para os seus discursos sobre a formação de professores, na PUCPR e em outras universidades nacionais e internacionais.

Ao tomar contato com estas cartas, como leitora, senti vontade de torná-las exemplos para minha vida. Essa mesma é a ideia do autor que convida o leitor para usufruir de suas contribuições. Em suas próprias palavras: *“Resolvi escrever este livro de cartas para que os professores e outras pessoas que se dedicam a atividades de ensino, ou assemelhadas, se tornem ainda melhores do que já são. Ser professor é algo muito importante”* (JULIATTO, 2019). Assim, o autor empresta suas experiências de vida como pessoa, como professor e como gestor para elaborar esse texto com ricas recomendações. Elas envolvem mensagens de fé, de compromisso consigo mesmo e com outros educadores.

Nos nossos encontros ao longo da vida acadêmica, tendo o autor como reitor, mentor e como conselheiro, pude compartilhar os sabores e os saberes de suas orientações retratadas nestas cartas. No geral, elas servem como contributo para alicerçar a atuação na formação de pessoas de todo o tipo, especialmente de

professores e de alunos. Esta foi sempre a marca de sua luta e o grande ideal de toda a sua caminhada.

A convivência com o autor permitiu-me perceber nele sempre um pesquisador obstinado e um leitor encantado e comprometido com a educação, o que fica retratado nas suas atitudes e ações. Sua intensa leitura fica evidente ao elaborar os textos, pois coleta frases e contribuições significativas de grandes autores que subsidiam seus escritos.

Com a propriedade da vivência em atuação docente, de diretor de escola e de reitor de uma grande instituição de ensino, empresta sua experiência para auxiliar na formação de pessoas melhores. Em suas palavras: é fundamental *“manter vivas as noções do bem comum, do respeito à natureza e da justiça social”*. Para tanto, tem esperança em educadores que possam acreditar e se dedicar ao *“bem comum e do próximo e a promover a cultura da espiritualidade, da solidariedade e a civilização do amor”* (JULIATTO, 2019).

A trajetória filosófica e pedagógica foi sempre a marca forte do autor. Seus estudos e investigações permitiram sempre consolidar discussões fundamentadas e competentes, auxiliando seus pares na busca da construção de uma nova visão de mundo. Nas últimas décadas, tem insistido na fala sobre o amor e a fraternidade, na tolerância, no credo, na harmonia com o universo, com a natureza e com os semelhantes.

Esta obra relevante, que tenho o prazer e o orgulho em prefaciá-la, tornou-se um sonho possível, o

sonho de um professor que se fez ao caminhar e que, neste caminhar, foi semeando bons frutos.

O autor preocupou-se em ajudar os professores elaborando lindas cartas, que alertam sobre saberes e atitudes que podem auxiliar na ampliação da visão dos docentes. Empresta dizeres a partir das conquistas de sua jornada de idealizações de uma vida mais plena e mais relevante.

As intervenções de Clemente permitem que seja lembrado sempre pelos docentes, por suas falas envolventes e seus discursos palpitantes, muito retratados nestas cartas. Destaco, com ênfase, frases como *“o professor precisa formar gente boa”* e a missão de um professor é *“formar profissionais competentes e virtuosos cidadãos”*.

Expresso gratidão ao Clemente por ter permitido que eu lesse em primeira mão estas cartas, que muito me tocaram como professora. Isso me fez acreditar ainda mais na missão docente marista, pois pude conviver com sua pessoa como um grande amigo e um admirável educador.

Neste sentido, recomendo a leitura da obra, pois trata-se de registro de uma vida dedicada à comunidade acadêmica e que, de maneira elogiosa, neste momento, se converte na publicação deste livro.

Profa. Dra. Marilda Aparecida Behrens

INTRODUÇÃO

Resolvi escrever este livro de cartas para que os professores e outras pessoas, que se dedicam a atividades de ensino, ou assemelhadas, se tornem ainda melhores do que já são. Ser professor é algo muito importante. Sem favor, uma das principais profissões que existem. Talvez até a mais importante de todas, pois pelas mãos dos professores passam, sem exceção, as demais. A sociedade precisa ficar bem servida de cidadãos competentes e honestos. É neste afã que operam a educação e os professores. E, graças a eles, a sociedade tem de melhorar. Assim, o nosso mundo também ficará melhor.

Grandes pensadores atinaram para a importância da profissão de professor. Victor Hugo dizia que o futuro está nas mãos do mestre-escola. O filósofo Bertrand Russell considerava os professores, mais do que qualquer outra classe, como os guardiões da civilização. O premiado escritor George Bernard Shaw confessava que para ele a única esperança de salvação residia no magistério. Dom Pedro II, imperador do

Brasil, confessou um dia: “se eu não fosse imperador, desejaria ser professor”. Não conheço, acrescentava, missão maior e mais nobre que dirigir as inteligências e preparar os homens do futuro. O papa São João XXIII mencionava a existência de três profissões muito importantes: médico, padre e professor. Médico porque cuida do corpo, padre porque cuida da alma e professor porque cuida de tudo.

De fato, os bons mestres que tivemos ficam marcados para sempre em nossos corações. O psicólogo Carl Jung, com razão, dizia: “A gente se recorda dos bons professores sobretudo, com muita gratidão, para aqueles que tocaram nossos sentimentos humanos”. Eles, de fato, nunca morrem em nossa lembrança. Você, professor, também pode ser assim. O cartunista norte-americano Aaron Bacall até arrisca uma hipótese: “Seu coração é um pouco maior do que a média humana; isso, porque você é professor”.

Sabe-se que a profissão de professor é preenchida por muitas pessoas idealistas que desejam colaborar com a humanidade. O professor diligente e sábio torna a aprendizagem uma alegria para os estudantes. O cientista Albert Einstein reconhece que “a tarefa do professor é despertar a alegria de trabalhar e de conhecer”.

Buda, líder espiritual do Oriente, compara o professor a um barco que leva o estudante para o outro lado do rio. A poetisa goiana Cora Coralina pondera: “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”. E o escritor Rubem Alves, da Academia

Brasileira de Letras: “O dedicado mestre sabe que ensinar é um exercício de imortalidade. Aquele que ensina, de alguma forma, continua a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia de sua palavra. O professor, assim, não morre jamais”.

Na realidade, o professor é o verdadeiro manual de estudo do aluno, como o considera Gandhi. Ele é o responsável pelos “alunos que aprendem”, no dizer do educador americano Parker Palmer. Os estudantes “são o melhor resultado que os professores que ensinam podem alcançar”, continua o mesmo mestre. Os alunos ainda estão num processo de aperfeiçoamento. Nem todos ainda alcançaram o ponto desejado. Estão a caminho. São os professores que os ajudam a chegar lá.

Percebemos que hoje o discurso do bem se enfraquece, enquanto o discurso da falsidade e das preocupações utilitárias se fortalece. Por isso, a ação dos educadores e seu discurso devem atuar como força de contracultura. O objetivo é manter vivas as noções do bem comum, do respeito à natureza e da justiça social. É preciso integrar o pacífico exército da esperança, constituído também pelos educadores que se dedicam ao serviço do bem e do próximo e se empenham em promover a cultura da espiritualidade, da solidariedade e a civilização do amor.

Ao final de cada carta, conto algum pequeno fato ou historieta. Além de ser agradável de leitura, uma historinha é sempre bem-vinda e ensina muito. Espero que seja assim com o prezado leitor.

Resolvi, então, escrever estas cartas aos estimados professores e às demais pessoas que ajudam os outros no cultivo pessoal, para que sejam ainda melhores no que fazem e no que são.

O autor.

Carta 1

O QUE É MESMO EDUCAR?

Educação é a aquisição da arte de utilizar o conhecimento.

Alfred N. Whitehead

Prezado professor,

Platão foi um famoso filósofo e escritor da antiguidade grega. Foi também grande educador. Fundou a famosa Academia de Atenas. Era um lugar onde se estudava muito, se pensava bastante e se discutia sobre qualquer assunto considerado importante. Ali se reuniam os maiores pensadores da época. Por lá passaram importantes figuras como Sócrates, Aristóteles e Plutarco. A Academia de Platão é considerada a precursora das escolas modernas. Muitos até a consideram como a primeira universidade ocidental.

O pensamento de Platão também se tornou um dos fundamentos da civilização ocidental. Relativamente à educação, suas opiniões são fundamentais e até indicativas. Para ele, “o objetivo da educação é a virtude e o desejo de converter-se num bom cidadão”.

No seu entender, a sociedade tem o direito de se organizar, criando instituições ou organismos com finalidades específicas para cuidar de áreas que julga importantes. Assim, pode criar hospitais para cuidar da saúde dos cidadãos; polícia para garantir a ordem pública; escolas para preparar e qualificar seus cidadãos etc.

Para o pensador Platão, não há nenhuma dúvida: o papel da educação é o de se ocupar do homem virtuoso e do bom cidadão. Uns quatrocentos anos depois, Plutarco, outro grande pensador grego, importante escritor e historiador, também frequentador da Academia de Platão, considerava que “as verdadeiras raízes da honestidade e da virtude repousam na boa educação”. Foi dessa maneira que esse autor voltou a apontar a essência da atividade educativa.

Se olharmos para gente mais moderna, do século XX, vemos que seus pensamentos não são muito diferentes. O pastor Martin Luther King, líder dos direitos civis e mártir da igualdade racial nos EUA, afirma claramente: “inteligência mais caráter, esses são os objetivos da verdadeira educação”. King considera que a educação existe para desenvolver o modo de pensar e os princípios do bom comportamento das pessoas. Gandhi, professor e político, libertador e presidente da Índia, lembra que “a educação deve fazer desabrochar o que existe de melhor nas pessoas”. Paulo Freire, nosso grande entendido em educação, considera que “educar é, fundamentalmente, formar” o estudante.

Para Aristóteles, discípulo de Platão e frequentador de sua Academia, mestre dos que sabem no dizer de Dante, que também foi tutor do Imperador Alexandre Magno, “a pessoa educada difere tanto da deseducada quanto um vivo difere de um morto”. Tal pensamento, bastante forte, mostra o valor que tem a educação. Naturalmente, todos os cidadãos passam pela escola. Alguns são bem-educados, outros, entretanto, são apenas “escolados”. Como professores, “teríamos nós a temeridade de declarar que não somos responsáveis pelos males do mundo de hoje?”, pergunta Solzhenitsyn.

O respeitável filósofo alemão Immanuel Kant considera que “o homem não é nada além daquilo que a educação faz dele”. Na opinião de outro educador, o norte-americano Horace Mann, “o ser humano não atinge sua plena estatura enquanto não for educado”. E o escritor russo Liev Tolstói sugere que “a única ciência verdadeira é o conhecimento de como o indivíduo deve viver a sua vida”. O mesmo escritor lembra também que “tal conhecimento está ao alcance de todos”, pela educação, naturalmente.

Vemos então que a educação é a grande prioridade para qualquer sociedade. Isso vale tanto para o Brasil quanto para qualquer outra nação. Nesse ponto, o que percebemos? Vemos facilmente que os países que cuidaram da educação do seu povo progrediram e sofisticaram a sua sociedade, enquanto aqueles que não adotaram tal prioridade continuam primitivos e atrasados.

A propósito, o grande estadista brasileiro Miguel Couto já dizia em 1932: “A educação do povo é o nosso primeiro problema nacional: primeiro porque o mais urgente; primeiro porque solve todos os outros; primeiro porque, resolvido, colocará o Brasil a par das outras nações cultas, dando-lhe proventos e honrarias e lhe afiançando a prosperidade e a segurança; e se assim, na verdade se torna o único”. Já estamos quase comemorando o centenário desse belo dizer e a educação ainda continua como a grande prioridade nacional, mas só em tempo de eleição, durante as campanhas políticas, o que é lastimável, é claro!...

Surpreendeu-me ler recentemente, no jornal *Folha de São Paulo*, um artigo de João Carlos Martins. O conhecido maestro, após uma palestra proferida a cerca de 300 jovens detentos do Complexo Penitenciário de Bangu, no Rio de Janeiro, percebeu, em seus olhos cheios de lágrimas, que eles demonstravam que toda a pessoa, mesmo na prisão, carrega o bem dentro de si. O conferencista, então, deu-se conta de que “o maior problema do Brasil chama-se educação, que automaticamente está aliada à cultura”. E se perguntou: “Por que nós não seguimos outros países que têm como objetivo primeiro a educação, resultando numa evolução fantástica como exemplo de nação”?.¹

¹ MARTINS, J. C. João, o maestro. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 set. 2017. p. A3.

Percebe-se facilmente que Victor Hugo tinha razão ao afirmar: “Quem abre uma escola, fecha uma prisão”. A educação, portanto, existe para formar o bom cidadão; a sociedade é sempre bem servida ao receber das escolas cidadãos bem formados. Não há por que enviá-los a qualquer prisão. Eles sabem como se comportar, uma vez que isso aprenderam na escola com seus mestres. Dessa maneira, uma boa escola torna-se garantia de paz e de tranquilidade para toda uma comunidade.

É preciso lembrar que a educação exige a formação da pessoa toda e não apenas de parte dela. Para a formação completa do estudante, portanto, para a preparação do cidadão em todos os sentidos, a escola dispõe do seu currículo pleno, que compreende tudo quanto se faz na instituição: o programa de estudos, o ambiente escolar e todas as demais atividades.

É preciso, entretanto, levar em consideração que a sociedade precisa não apenas de bons profissionais para o mercado de trabalho, mas também de cidadãos comprometidos com o bem e com a verdade. Por decorrência, a escola deverá formar cidadãos que sejam pessoas competentes, gente boa, buscadores da verdade, respeitadores das leis e da natureza; em resumo, a sociedade precisa de gente que presta.

Com o psicólogo Erich Fromm, acreditamos que “educar é ajudar o estudante a realizar as suas potencialidades”. O poeta e pensador espanhol Fernando Rielo declara: “O jovem é mais ilusão que pensamento. Por isso, necessita mais que de amigos, de um mestre”. Daí

a importância do verdadeiro mestre ou educador, que é mais do que simples professor, ou mero dispensador de conhecimentos, mas é verdadeiro pai e orientador.

O espectro amplo da educação é abordado pela UNESCO. Em seu Relatório, escrito no final do século passado, Jacques Delors, seu presidente à época, aponta as exigências da educação para o século XXI: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a conviver e aprender a aprender.

Na maioria das escolas, porém, a educação é limitada ao desenvolvimento da mente. Isso, entretanto, não passa da metade da formação da pessoa. E a outra metade como fica?... O filósofo inglês John Locke afirma claramente: “Creio que a instrução é a parte menor da educação”. As escolas que se prezam não podem ter uma visão tão limitada e tão estreita. Nelas, é preciso ir além da formação da mente e chegar à formação do coração. Muitas instituições, entretanto, fazem questão de assentar o seu *marketing* principalmente na formação intelectual que dão a seus estudantes. Perseguem dessa maneira um objetivo claramente incompleto.

A educação de qualidade não pode prescindir de algumas qualidades básicas que lhe são inerentes, como complementar às orientações da família, abrangente no seu escopo, atualizada, preocupada com a aprendizagem, espiritualizada, com avaliação do aluno e do professor, muito próxima do estudante e sempre acompanhada pelo bom exemplo dos educadores etc.

Para o educador Paulo Freire, a essência da educação está na formação do estudante. Por isso o professor deve orientar todo o seu trabalho pela pergunta: instruir apenas ou educar os estudantes de maneira mais ampla? O mestre consciencioso logo chegará à conclusão de que educar a pessoa toda é preferível a simplesmente instruí-la. Por instrução, entende-se a transmissão de noções e conteúdos, de competências específicas. Por formação, a transmissão de valores, de posturas, de condutas comportamentais. Freire afirma, categórico: “Transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formativo”. E repete com insistência: “Educar é, fundamentalmente, formar”.

Falamos que qualquer sociedade precisa não somente de profissionais competentes. Ela também necessita de bons pais e mães de família, de pessoas responsáveis e colaboradoras, de gente boa e cumpridora de seus deveres pessoais, familiares e cívicos; afinal de bons cidadãos, ou seja, de gente que presta. Com o professor e psicólogo Carl Rogers, ficamos a pensar: “Os educadores precisam compreender que ajudar as pessoas a se tornarem pessoas é muito mais importante do que ajudá-las a tornarem-se matemáticos, políglotas ou coisa que o valha”.

Os educadores Jacques Drèze e Jean Debelle, dois especialistas em administração da educação superior, insistem: “As pessoas são pessoas antes de serem

advogados, médicos, comerciantes ou industriais. Se vocês fizerem delas pessoas capazes e sensatas, elas se transformarão por si mesmas em advogados ou médicos etc., capazes e sensatos”.

As experiências vivenciadas e as lições de sabedoria aprendidas com os mestres, com colaboradores e os próprios colegas serão lembradas e usadas durante toda a vida pelos estudantes. Esta marca é a memória e o distintivo que os antigos alunos levarão de sua *Alma Mater*, a instituição que os educou e lhes deu formação para a vida.

Para concluir esta carta, quero relatar mais algo sobre Platão.

Educação tem que vir com crescimento pessoal

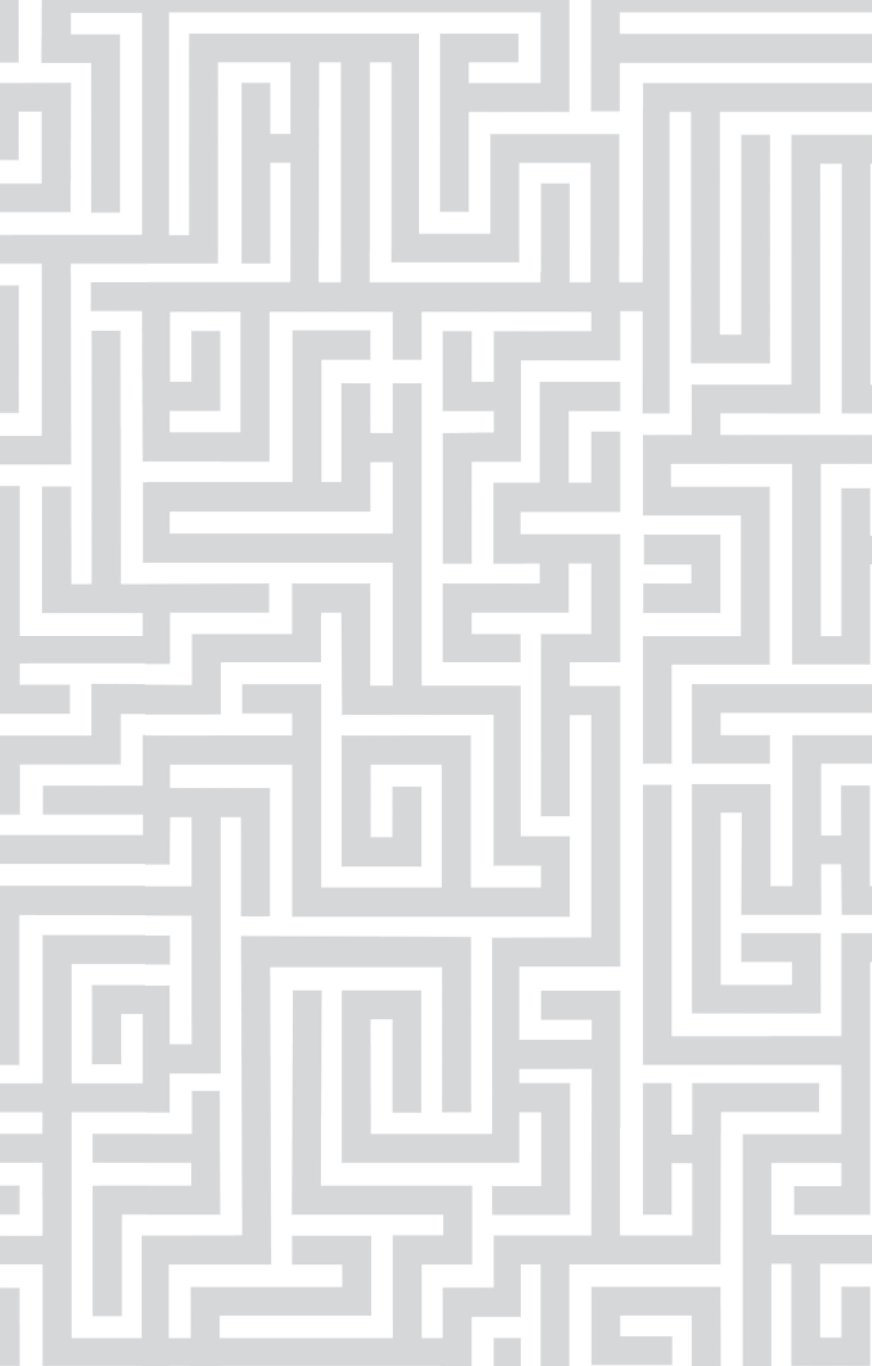
Conta-se que antes de ser construída a famosa Academia de Platão, em Atenas, foram perguntar ao mestre em que ponto da cidade ele gostaria de vê-la edificada. Depois de pensar um pouco, o filósofo respondeu:

“O mais longe possível do mercado”!

Platão, certamente, não se referia à palavra ‘mercado’ como indicação do mercado público, ou seja, o lugar onde se compra e se vende alface, cenoura e outros gêneros alimentícios,

mas a entendia como o lugar onde são feitos os negócios.

De fato, educação tem pouco que ver com dinheiro e comércio e muito, com crescimento pessoal e serviço à sociedade.



Este livro contém orientações para o bom desempenho dos professores e de quem orienta os outros a cultivar-se. Quando as escolas e seus professores estiverem conscientes de suas enormes possibilidades e tirarem proveito delas, teremos, fatalmente, como consequência, uma sociedade mais desenvolvida com cidadãos melhores e mais habilitados. É que a educação é o grande meio para elevar o padrão de qualquer pessoa e de qualquer país. A educação de qualidade torna-se então fundamental e modifica para melhor qualquer sociedade.

Por meio de 30 cartas, o autor traz importantes lições aos professores, aprendidas durante a sua larga experiência como educador. Traz, igualmente, o pensamento de grandes educadores que se ocuparam dos mesmos temas. Ao final de cada carta, o autor conta uma pequena história, em geral, relativa ao tema.

As presentes cartas são também úteis para quem estuda ou trabalha com educação. Elas não precisam ser lidas na ordem proposta.